

Revolução do ensino

Ao instituir, hoje, uma nova política para o ensino superior do País, o presidente Fernando Collor estará pondo a mão num dos mais sérios problemas brasileiros: a concentração excessiva de gastos no 3º nível, em prejuízo dos níveis anteriores, muito mais essenciais. De fato, aplicar-se 81,8 por cento do orçamento do MEC nas universidades é uma distorção que só pode ser entendida como fruto da omissão e da displicência no trato do interesse público no País. É incompreensível o fato de sucessivos governos anteriores terem permitido formar-se tão grave anomalia.

A concentração de recursos no ensino superior levou à deterioração do ensino fundamental e do ensino médio em relação ao qual o País falhou, seja quanto à quantidade, seja quanto à qualidade. Não há vagas para toda a demanda e os que conseguem ingressar saem despreparados até para funções profissionais mais simples. É verdade que o ensino médio não é profissionalizante e a tese de que deveria sê-lo é polêmica. Mas é consensualmente aceito como verdadeiro que os níveis fundamental e médio, se tiverem qualidade, permitem aos que os freqüentam a absorver a capacitação profissional no próprio trabalho. O que presenciamos, todavia, é a desqualificação completa, porque o ensino não tem sido capaz de proporcionar ao aluno níveis mínimos de conhecimento geral e informação. Um graduado em nível mé-

dio no Brasil, em geral, sequer está preparado para ler jornal e entendê-lo.

Consolidou-se, no Brasil, a idéia de que o diploma universitário, também símbolo de status, é essencial à promoção profissional do indivíduo. A universidade abandonou o seu papel principal, de formadora de recursos humanos sofisticados, para dedicar-se à formação de profissionais. Mas falhou também aí. Os profissionais que ela forma também estão despreparados.

Outra deformação grave da universidade brasileira é o fato, muito conhecido, de ser elitista, selecionando os que nela podem ingressar por critérios econômicos, quando deveria destinar-se ao aproveitamento do talento e da inteligência indiscriminadamente existentes em todos os estratos sociais.

Há muito o que mudar no ensino brasileiro. Começar a mudá-lo pela ênfase dos níveis fundamental e médio é o melhor modo de fazê-lo, ainda que, por força das dificuldades financeiras atuais, se tenha de restringir o acesso à universidade.

Espera-se que o Governo enfrente o problema e o resolva. O ensino é a base da solução consistente de quase todos os outros problemas brasileiros. As nações desenvolvidas hoje são aquelas que promoveram, a seu tempo, a revolução educacional. Se o Brasil não a fizer, permaneceremos, para sempre, um País de terceira classe.